

Amostragens e manipulação de dados

Luiz Estevão de Oliveira Neto

Para demonstrar o quanto as estatísticas são passíveis de manipulação, o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen costumava dizer que um indivíduo com a cabeça numa fogueira e os pés num freezer estaria, para alguns economistas, vivendo uma temperatura média bastante agradável. Ainda que à beira da morte, pois é improvável que resistisse por muito tempo à queimadura no cérebro ou ao congelamento dos pés.

A esses economistas veio se juntar, nos últimos anos, um outro tipo — especialista em analisar pesquisas sem interpretar a totalidade dos dados.

A pesquisa da Soma Opinião e Mercado publicada no último domingo é um caso típico. Antes de mais nada, é preciso dizer que seus resultados representaram para mim um forte estímulo. Afinal, não serei candidato a governador, e sim a deputado distrital, e a intenção de voto que a pesquisa estimulada me atribuiu, embora não divulgada, coloca-me entre os seis nomes mais votados, o que só pode me dar ânimo redobrado para seguir em frente.

De outra parte, um índice de rejeição de 4,5 por cento, como o que obtive na pesquisa espontânea, não estimulada por cartão, pode ser considerado insignificante. Empata com o de expressivas lideranças políticas locais e é mais de quatro vezes inferior ao de políticos eleitos e no exercício do mandato.

Está a leitura da pesquisa tecnicamente correta, no que se refere à minha candidatura. É lamentável, porém, que em artigo que procura comentar os números tenha sido destacado um suposto

aspecto desfavorável a mim, oriundo de artifício incorreto utilizado na pesquisa.

Eis que a Soma Opinião e Mercado colocou diante de seus mil 625 entrevistados um cartão com sete nomes, inclusive o meu, de possíveis candidatos a governador, e perguntou em qual deles — ou quais deles — não votariam de jeito nenhum. Estranhamente, não fazia parte desta lista o nome do campeão da rejeição na pesquisa espontânea — coincidentemente o candidato que, aos olhos da opinião pública, tem comigo duas características em comum: ser empresário e ter ligações pessoais com o ex-presidente Fernando Collor.

Curiosamente, um segundo questionário em que meu nome é substituído pelo de Paulo Octávio, mantendo-se os demais candidatos (o único também substituído foi o do PT), a rejeição se concentra muito mais fortemente no deputado do PRN, com 58 por cento. Os outros candidatos passam a ter uma rejeição menor, o que indica a tendência do eleitor, neste item da pesquisa, de fixar-se num único nome.

Diz a Soma, inexplicavelmente, que a grande novidade da pesquisa é o aumento do meu suposto índice de rejeição, atribuído pelo instituto à minha amizade com o ex-presidente Fernando Collor. Não é verdade. Comparação com pesquisa do mesmo instituto realizada em março passado mostra que minha rejeição cresceu apenas 22 por cento (com a utilização, insisto, do artifício de excluir o nome do deputado Paulo Octávio). A grande novidade da pesquisa, na verdade, é o notável crescimento das intenções de voto no meu nome, de cem por cento em apenas cinco meses, passando de três para seis por cento, usando igual metodologia. Lamentavelmente, por ra-

zões que desconheço, isso não foi citado na análise feita pelo diretor da Soma.

Sou amigo de Fernando Collor há 27 anos. Não me utilizei desta amizade para nomear parentes, para influir em seu governo ou pegar carona em suas aparições públicas para me promover. Estive e estou a seu lado no momento em que a solidariedade e o apoio são indispensáveis. Não o abandonei na hora difícil, como fizeram muitos que usufruíram o quanto puderam do seu governo. A traição é uma prática que não faz parte da minha biografia.

Tenho 25 anos de atividade empresarial, exercida com competência, probidade e eficiência. De todos os nomes que aparecem na pesquisa, sou o único não político, o único que jamais exerceu um cargo público. O que me credencia a postular uma cadeira na Assembleia Distrital é minha intensa atividade comunitária como empresário preocupado com as questões sociais. São os quatro anos como diretor do Clube dos Diretores Lojistas; os oito anos como vice-presidente da ACDF; os três anos como vice-presidente da Ademi; os dois anos como membro do Conselho Consultivo da Federação do Comércio; os dois anos como presidente do Conselho da Escola Americana de Brasília; são os sete anos de existência da Fundação Luiz Estevão, com seus programas voltados para as populações carentes. E é, principalmente, o reconhecimento do povo de Brasília, em pesquisa realizada recentemente pelo instituto WHO, na qual sou apontado como o empresário de maior credibilidade e que mais ajuda a população do Distrito Federal.

Luiz Estevão de Oliveira Neto é diretor-superintendente do Grupo OK